

O Salto de Fé kierkegaardiano em constante referência a Lessing

The Kierkegaardian Leap of Faith in constant reference to Lessing

José da Cruz Lopes Marques

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará

RESUMO: A noção de Salto de Fé faz parte do vocabulário fundamental de termos kierkegaardianos. Tal conceito, como se sabe, está associado à crítica do filósofo dinamarquês às pretensões de reducionismo da fé à razão por parte da filosofia hegeliana. Sobre a origem desse conceito o próprio Kierkegaard reconhece a sua dívida em relação a Lessing, filósofo alemão do século XVIII. Assim, o presente artigo tenciona analisar o modo como o pensador da existência constrói o seu conceito de Salto de fé a partir da filosofia de Lessing.

PALAVRAS-CHAVE: SALTO; FÉ; VERDADE; EXISTÊNCIA; RACIONALISMO.

ABSTRACT: The notion of Leap of Faith is part of the fundamental vocabulary of Kierkegaardian terms. Such a concept, as we know, is associated with the criticism of the Danish philosopher to the claims of reductionism of faith to reason on the part of Hegelian philosophy. On the origin of this concept Kierkegaard himself acknowledges his debt to Lessing, a German philosopher of the eighteenth century. Thus, the present article intends to analyze how the thinker of existence builds his concept of Leap of faith from Lessing's philosophy.

KEYWORDS: LEAP; FAITH; TRUTH; EXISTENCE; RATIONALISM.

Considerações iniciais

Por muito que seja o que se depreende desses escritos, não é possível que se apoie neles toda a verdade da religião cristã.
(LESSING, 1990).

Aqueles que já tiveram a oportunidade de ler o *Pós-Escrito às Migalhas filosóficas*¹ sabem que nesta obra Kierkegaard elege

¹ No original dinamarquês, *Afsluttende uvidenskabelig Efterskrift til de filosofiske Smuler*, o *PósEscrito*, curiosamente, é quatro vezes mais volumoso que as *Migalhas filosóficas*. O texto foi escrito pelo pseudônimo Johannes Climacus e editado por Kierkegaard. Como Kierkegaard acreditava que morreria aos 33 anos, neste escrito ele

Lessing como o modelo do pensador subjetivo. De fato, no início da segunda parte do texto de 1846, Kierkegaard, depois de um caloroso elogio ao pensador alemão, retoma quatro teses da autoria de Lessing a fim de prover munição para o seu ataque contra a teologia crítica de inspiração hegeliana. Cerca de um século antes, o filósofo alemão já denunciara o empreendimento que buscava demonstrar a veracidade do Cristianismo por meio de provas histórico-rationais.

A influência de Lessing em relação a Kierkegaard também pode ser vista em um dos conceitos mais célebres do filósofo dinamarquês, a saber, a noção de Salto de fé, presente tanto no *Pós-Escrito* quanto em *Temor e tremor* de Johannes Silentio². Como seu antecessor Kierkegaard demonstra a impossibilidade do ato de fé ser amparado em uma mediação racional. Há um fosso horrível que separa o existente da fé. A transposição desse fosso não pode ser realizada pela ponte da racionalidade, é preciso saltar. Diante do exposto, no presente texto, analisaremos o modo como Kierkegaard recorre a Lessing a fim de elaborar a sua noção de Salto de Fé.

A Famosa Demonstração em Espírito e Força

Porque as notícias de profecias cumpridas não são profecias cumpridas, porque as notícias de milagres não são milagres cumpridos. As profecias que se cumprem diante de meus olhos, os milagres que sucedem diante de meus olhos, influem diretamente.

pretende encerrar a sua produção literária. Como o próprio nome da obra expressa, seu objetivo é concluir o seu itinerário filosófico. Talvez este fato, justifique a razão de um pós-escrito tão volumoso. É como se nele o pensador da existência quisesse esclarecer de uma vez por todas o problema acerca da verdade do cristianismo. Felizmente, a expectativa de Kierkegaard não se concretizou. O autor dos *Discursos edificantes* viveu por mais 9 anos. De qualquer forma, o texto de 1846 é uma espécie de divisor de águas em relação aquilo que os estudiosos designam primeiro e segundo percursos kierkegaardianos. Após a publicação do Pós-Escrito, inicia-se o segundo percurso. Nesta fase, a ênfase religiosa é ainda mais sensível na produção kierkegaardina. Esse traço é visto tanto nas obras que Kierkegaard assina com o próprio nome, predominantes nesse período, quanto nas obras pseudonímicas. Um exemplo desse segundo caso pode ser encontrado no pseudônimo Anticlimacus, que assina *Doença para morte e Prática do cristianismo*. Diferente de Johannes Climacus, que ainda não se considera um cristão, Anticlimacus é um cristão na acepção mais rigorosa do termo.² Esse é o pseudônimo com o qual Kierkegaard assina *Temor e tremor*, texto publicado em 1843. Este nome pode ser traduzido como João do silêncio, título bastante apropriado para um autor que exalta a paixão infinita da fé, a fé que silencia porque não encontra as respostas racionais para os dilemas e contradições da existência.

Mas as notícias de profecias e milagres cumpridos tem de influir mediante a algo que lhes tira toda a força. (LESSING, 1990, p. 481)

Em polêmica recente com Jon Stewart sobre o papel de Lessing no pensamento de Kierkegaard, VALLS (2013) chama nossa atenção para o fato de o dinamarquês ter usado como modelo de pensador subjetivo exatamente Lessing, acusado de ser iluminista, deísta e até mesmo espinosista, e não o fideísta Jacobi³, supostamente defensor da ortodoxia cristã contra a *Aufklärung*. Neste caso, a ironia e, ao mesmo tempo, a força do argumento empregado por Climacus, consiste exatamente em utilizar um autor que sabe reconhecer o valor da razão, um homem da *Aufklärung*, como diria Valls, para combater a ideia de uma razão absoluta, que fosse capaz de explicar, no âmbito da existência, até os mistérios da fé. Em um trocadilho irônico, podemos afirmar que Kierkegaard utiliza a razão contra a razão. Ao mesmo tempo, poderíamos conjecturar que o filósofo de Copenhague sabe que era somente reconhecendo e valorizando a razão que seria possível prevenir-se contra seus excessos. Márcio Gimenes de Paula, outro autor brasileiro que leva a sério esta questão, sintetiza em três aspectos a influência do filósofo alemão em relação a Kierkegaard. Segundo ele, este autor influenciou Climacus,

1) Na comunicação indireta da verdade cristã, 2) no conflito entre verdades lógicas ou da razão e verdades contingentes ou de fato (na conclusão de que a razão não ajudará o homem na busca da felicidade eterna), 3) na ênfase no esforço humano para alcançar a verdade, ou seja, a luta entre a reapropriação da verdade pelo indivíduo e o conceito hegeliano de verdade. (DE PAULA, 2009, p. 62)

O modo como os comentadores não têm explorado a influência exercida por Gotthold Ephraim Lessing em relação ao pensamento kierkegaardiano é alvo da crítica de Hélène Politis em seu *Vocabulaire de Kierkegaard*. No entender da pesquisadora francesa

³ Trata-se de Friedrich Heinrich Jacobi, filósofo alemão do século XVIII. Em cartas trocadas com Mendelssonhn discutia se Lessing, seu amigo comum, havia se tornando espinosista. Embora Jacobi tenha defendido que a fé não pode ser explicada pelo conhecimento filosófico, Kierkegaard tecerá severas críticas a esse pensador no *Pós-Escrito*, supostamente, por sua pretensão de levar alguém a dar o salto com o auxílio da eloquência.

isso ocorre porque tais estudiosos se equivocam em relação à ideia que Kierkegaard tem da racionalidade. De fato, a influência de Lessing em relação ao pensador dimanarquês é tanto significativa quanto diversa. Neste breve texto, não obstante verificaremos atentaremos especificamente para a influência do pensador alemão na elaboração de um dos conceitos mais importantes da filosofia kierkegaardiana: a noção de Salto de fé.

Em 1777, Lessing escrevera ao diretor Schumann⁴ um artigo denominado *Sobre a demonstração em espírito e força* (*Über den Beweis des Geistes und der Kraft*) no qual negava que verdades contingentes ou históricas pudessem demonstrar as verdades racionais ou necessárias⁵. À guisa de esclarecimento, o título do artigo faz referência ao argumento empregado, desde os dias apostólicos, para demonstrar a veracidade da doutrina cristã. “O espírito”, explica De Paula (2009, p. 26) “seria a luz para aquilo que se lê, a força seria a prova material daquilo que se leu”. A demonstração em espírito e força repousava na ocorrência de milagres e no cumprimento das profecias bíblicas enquanto provas do cristianismo⁶.

O argumento aludido por Daniel Schumann será duramente combatido pelo filósofo alemão no artigo supracitado. Orígenes⁷, exemplifica Lessing (1990, p. 481), “dizia com razão possuir a religião cristã, nessa prova em espírito e força, a prova autêntica, mais divina que qualquer outra que pudesse oferecer a dialética grega.

⁴ Trata-se de Johann Daniel Schumann (1714 – 1787), diretor do Liceu de Hannover. Schumann havia afirmado em seus *Papeis de um anônimo referente à revelação* que a revelação judaico-cristã era a única que gozava de provas evidentes, a saber, as profecias e os milagres e que resultavam convincentes para os teólogos (LESSING, 1990). Nota do tradutor Augustín Andreu.

⁵ Em nota explicativa da tradução brasileira das *Migalhas filosóficas*, Álvaro Valls (2011) destaca que Lessing fora influenciado por Leibniz nesse ponto. Na distinção do filósofo racionalista, existiam verdades eternas ou racionais e verdades históricas ou contingentes. O cristianismo, obviamente, encontrava-se na primeira classe de verdades mencionadas.

⁶ Claramente, a expressão “Demonstração em espírito e força” tem sua origem na declaração paulina em I Coríntios 2,4, onde se lê: “A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do espírito e de poder”.

⁷ Pai alexandrino do terceiro século. A obra citada por Lessing é *Contra Celso*, um dos textos mais famosos do apologista cristão. Orígenes escreveu esse texto a pedido de Ambrósio de Milão, a fim de refutar as acusações feitas pelo filósofo romano Celso ao cristianismo na obra denominada *Doutrina verdadeira*. Em sua obra, o apologista alexandrino, dentre outros argumentos, empregara a prova dos milagres como fundamento da veracidade da doutrina cristã.

Porque, em sua época, ainda não havia abandonado aos que vivem segundo os preceitos de Cristo a força de fazer coisas maravilhosas”. Em sua argumentação em prol da validade da revelação judaico-cristã, Schumann citara uma passagem do *Contra Celso* de Orígenes onde o apologista cristão afirmara que os milagres, ainda em evidência em seus dias, se constituíam em uma prova infalível do cristianismo. Esta tese é prontamente negada por Lessing. Ironicamente, ele principia o seu artigo exatamente fazendo citação de uma passagem do texto empregado pelo seu adversário, ressaltando, inclusive, que seu interlocutor estaria empregando a passagem do teólogo alexandrino de modo descontextualizado. O crítico de Schumann, obviamente, não está negando que milagres possam ter ocorrido na época de Cristo ou mesmo de Orígenes, visto que o próprio pai alexandrino testemunha que, em seus dias ainda ocorriam estes eventos extraordinários associados aos seguidores de Cristo. O ponto chave da crítica de Lessing consistia na possibilidade desses relatos serem empregados como fundamentos do cristianismo. Nos termos do pensador alemão, “uma coisa são milagres que vejo com meus próprios olhos e tenho ocasião de comprovar, e outra coisa são os milagres os quais, só pela história, sei que outras pessoas dizem haver visto e comprovado” (LESSING, 1990, p. 480). Para o autor alemão, relatos acerca da ocorrência de milagres não possuem qualquer força e, ainda que seja anunciado do modo mais comovente e razoável, não podem levar alguém a crer em Cristo. Ainda que Cristo tenha ressuscitado conforme o relato dos Evangelhos, que sinais e prodígios tenham sido operado pelos primeiros discípulos, nada disso fornece uma prova incontestável para a crença. A distância de mais de quinze séculos entre a suposta ocorrência do milagre e a atualidade retiram da prova a sua força por completo. Por conta desta distância, declara Lessing, “essa prova em espírito e força, já não tem agora nem espírito nem força, senão que têm descido à categoria de testemunho humano sobre o espírito e a força”. Se os milagres não podem mais, no contexto do século XVIII, provar a veracidade da revelação cristã, seria para Lessing indevido exigir que alguém cresse a partir da mera notícia de tais feitos prodigiosos. Na verdade, comenta LE BLANC (2003), na discussão acerca das verdades eternas, o argumento da história não pode ser invocado, tenha transcorrido dois mil anos ou apenas duas horas entre o evento e seu relato. O que conta é o ato pelo qual nos detemos nesse pensamento para nos relacionarmos em subjetividade com essa verdade. Este ato é o salto que será melhor analisado nos

parágrafos subsequentes.

Como base no que foi afirmado acima, Lessing é enfático em declarar que as verdades históricas, enquanto contingentes, não podem servir de prova para as verdades necessárias, em cuja modalidade se encontram as verdades do cristianismo. Quando se trata das verdades eternas do cristianismo, o recurso da história é ineficaz. Na ilustração do filósofo alemão, a crença que tenha existido um tal Alexandre que conquistou quase toda a Ásia não implica em nada de valor perene e cuja perda fosse irreparável. De modo similar, o relato acerca da ressurreição de Cristo não nos obriga a crer realmente que Cristo era Deus (LESSING, 1990). Há, portanto, um abismo que separa o relato das contingências históricas e as verdades eternas que não pode ser transposto pela suposta prova. Nos termos emblemáticos de LESSING (1990, p. 483), “um repugnante e largo fosso que, por mais que tentemos, não conseguimos saltá-lo”. A necessidade do salto, como se vê, retira a pretensa força da prova. Conforme comenta DE PAULA (2009, p. 31), “Cristo pode até ser visto historicamente. Contudo, acreditar nele é bastante diferente de observá-lo. Para que tal coisa ocorra é preciso um salto, ou seja, é preciso que se passe a outra esfera conceitual”.

A recepção de Lessing por Kierkegaard no conceito de Salto de Fé

A fé é justamente a contradição entre a paixão infinita da interioridade e a incerteza objetiva. Se posso apreender objetivamente a Deus, então eu não creio; mas, justamente porque eu não posso fazê-lo, por isso tenho de crer; e se eu quero manter-me na fé, tenho de constantemente cuidar de perseverar na incerteza objetiva, de modo que, na incerteza objetiva eu estou sobre “70.000 mil braças de água”, e contudo creio.” (KIERKEGAARD, 2013, p. 105)

A influência de Lessing é bastante evidente em Kierkegaard, nomeadamente, em sua concepção de Salto de Fé. No depoimento de GOUVÊA (2006), o salto de fé kierkegaardiano é a releitura da “vala horrível” entre a história e os conceitos racionais atribuída ao filósofo alemão. Um exemplo claro dessa influência encontra-se na segunda seção do *Pós-Escrito*, na qual o pensador dinamarquês, na sua polêmica contra a especulação dos sistemáticos, retoma as teses pronunciadas por Lessing. Uma das teses aludidas é precisamente aquela encontrada no artigo *Sobre a demonstração em espírito e força*,

referido acima. Como seu antecessor, KIERKEGAARD (2013) também assumirá no *Pós-Escrito* que a transição entre as verdades históricas contingentes e as verdades racionais eternas só pode ser feita mediante um Salto. Em sua análise, o pensador dinamarquês retoma a tese de Lessing e relaciona-a ao questionamento já apresentado nas *Migalhas filosóficas*: “Pode-se construir uma verdade eterna sobre um conhecimento histórico?” Usando o pensador alemão como referência, a resposta de Kierkegaard a esse questionamento é um categórico não.

Seguindo a crítica esboçada no texto *Sobre a demonstração em espírito e força*, o filósofo de Copenhague combate “a transição direta da confiabilidade histórica para a decisão de uma felicidade eterna” (KIERKEGAARD, 2013, p. 99). A fidelidade de Kierkegaard ao texto de Lessing vê-se de modo evidente no *Pós-Escrito*. Até mesmo os exemplos empregados pelo crítico alemão são retomados na discussão. É o caso, por exemplo, do inconveniente de alguém depositar a sua confiança eterna em uma crença fortuita e contingente do tipo: a existência de um imperador chamado Alexandre que conquistou quase toda a Ásia. Como seu antecessor, Kierkegaard assevera que tal crença histórica, definitivamente, não pode ser o fundamento para uma decisão eterna. De fato, até mesmo a citação tendenciosa de Orígenes feita por Schumann e criticada por Lessing é notada pelo autor dos *Discursos edificantes*. No final das contas, o milagre por si mesmo não é necessariamente o fundamento da crença, nem mesmo para o contemporâneo. Basta lembrar o relato dos Evangelhos das três cidades⁸ que presenciaram o maior número de milagres e foram, ao mesmo tempo, as mais incrédulas. Por isso, radicaliza KIERKEGAARD (2013), a decisão de crer é sempre um Salto seja para o contemporâneo seja para aquele que vem depois. É sempre por meio deste movimento interior que o indivíduo se lança em direção à verdade eterna.

Retomando a figura antecipada por Lessing, Kierkegaard aproveita para criticar compreensões equivocadas do Salto. Em primeiro lugar, como o salto se configura no momento da decisão, estar perto de transpor o fosso largo e horrível é uma atitude tão infrutífera quanto nunca ter desejado saltar. Para uma ilustração a partir de *Temor e tremor*, se Abraão, ao avistar o Moriá, tivesse desistido de sacrificar Isaac, não seria o Cavaleiro da fé, não passaria

⁸ Corazim, Betsaida e Cafarnaum: cidades da Galileia.

de um Herói trágico⁹ e de nada teria adiantado a caminhada angustiante de três dias. Em outros termos, a simples aproximação do fatídico monte não torna o patriarca diferente daquele que não deu um único passo em sua direção. Obviamente, Kierkegaard tem duras palavras para os que estão na indecisão em relação ao salto. “Ter estado muito perto de fazer alguma coisa já tem seu aspecto cômico, mas ter estado muito próximo de dar o salto não significa absolutamente nada, justamente porque o salto é a categoria da decisão” (KIERKEGAARD, 2013, p. 103).

O pensador dinamarquês, ademais, está atento para aqueles que pretendem saltar nos moldes do *salto mortale* de Jacobi. Supostamente defensor da ortodoxia, Jacobi é um entusiasta que descreve o caráter exigente do salto, mas, ao mesmo tempo, que levar o seu ouvinte a saltar pela força da oratória. Conforme denunciado por Kierkegaard, Jacobi usava a sua eloquência para levar seu aprendiz a realizar o salto quando ele mesmo não tinha a coragem suficiente para realizá-lo. Nesse ponto, a acidez da ironia do dinamarquês é evidente. Em uma atitude desonesta, o eloquente pregador tem a pretensão de ensinar algo a alguém que ele mesmo ainda não aprendeu, precisamente porque não foi capaz de realizá-lo uma única vez. Contra o salto proposto por Jacobi, Kierkegaard ressalta que o verdadeiro salto de fé não se permite ensinar ou comunicar diretamente, justamente porque ele é um ato de isolamento. O entendimento do Salto de fé como o movimento da solidão absoluta aparece de modo muito evidente em *Temor e tremor*. Nas palavras de Silêncio,

Nem há sequer um único Cavaleiro da fé que possa auxiliar outro. Ou o próprio singular se torna Cavaleiro da fé ao assumir para si o paradoxo, ou nunca chegará a sê-lo. Nestas paragens o companheirismo é de todo impensável. Compete

⁹ Estas duas categorias são longamente contrapostas por Kierkegaard em *Temor e tremor*. O Cavaleiro da fé, tipificado pelo patriarca bíblico Abraão, decide sacrificar seu filho Isaac sem nenhuma justificação racional. De fato, do ponto de vista racional o seu ato é completamente absurdo. Como pai ele possui um compromisso ético para com o filho, deve protegê-lo, mas ao decidir sacrificar o filho, ele viola o mandamento ético sem nenhuma justificação racional. Seu ato é, nos termos de Kierkegaard, a expressão do paradoxo. O Herói trágico, por outro lado, cujo principal modelo é Agamenon, apesar de também sacrificar a sua filha Ifigênia, possui uma justificativa racional para o seu ato. Partindo do princípio que o universal é superior ao geral, o ato de Agamenon, apesar de doloroso, é perfeitamente compreensível em termos éticos. Ele possui o apoio do geral e, portanto, não existe nada paradoxal e absurdo em seu sacrifício.

sempre e apenas ao singular dar a si mesmo qualquer explicação mais aproximada sobre o que deve ser entendido por intermédio de Isaac. (KIERKEGAARD, 1979, p. 155)

De fato, categoria da solidão é, nos termos de Silentio, aquilo que assinala a distinção entre o falso e o verdadeiro Cavaleiro da fé. Enquanto que este reconhece a todo instante a necessidade do isolamento, aquele é sectário. No último momento, ele se arrepende do movimento da fé e clama pelo socorro do geral, rejeita, por assim dizer, a estreita vereda do paradoxo para se tornar um herói trágico barato. Neste sentido, pontua Sampaio (2010) a solidão é a garantia de que a fé do Cavaleiro não poderá receber a mediação da razão.

Em termos racionais, o Salto não pode sequer ser pensado. Por isso, Kierkegaard o remete sempre à decisão do indivíduo singular. De fato, o empreendimento de Jacobi é uma contradição. Ele pressupõe que o Salto pode ser dado acompanhado quando esta decisão é precisamente a expressão máxima do isolamento do homem diante de Deus. Em outros termos, ele solapa a subjetividade do Salto tornando-o objetivo pela força do discurso. O discurso é, em última instância, uma tentativa disfarçada de suprimir da fé o seu elemento mais essencial, a sua relação com o paradoxo. Discursar em auxílio do Salto é tentar torná-lo compreensível em termos racionais. Enfim, nos termos kierkegaardianos:

Jacobi não aprendeu como se disciplinar artisticamente a si mesmo para se contentar com, em existindo, exprimir a ideia. A pressão do isolamento que está posta especificamente no salto não consegue coagir Jacobi, ele precisa divulgar algo. Transbordante, ele sempre recai naquela eloquência que, em vigor, substância e efervescência lírica, às vezes se equipara a de Shakespeare, mas que, contudo quer ajudar os outros numa relação direta para com o orador ou, como *in casu*, quer ganhar para si o consolo de que Lessing está de acordo com ele. (KIERKEGAARD, 2013, p. 105)

A relação entre a fé e o Salto em *Temor e tremor*, texto publicado três anos antes por meio do pseudônimo Johannes Silentio, revela já nesta obra a influência de Lessing sobre Kierkegaard. Neste texto, o pensador dinamarquês fala da seriedade do Salto e do modo como o homem é incapaz de realizá-lo por si mesmo. O homem,

ironiza o pseudônimo, pode realizar o Salto de trampolim ao infinito tal qual um dançarino de corda. A sublimidade e sutileza dialética do salto de fé, não obstante, extrapola o mero movimento da resignação infinita (KIERKEGAARD, 1979). Obviamente, em um gracejo, Kierkegaard, declara no texto de 1846 que, antes de ter contato com o texto de Lessing, ele já tomara conhecimento de *Temor e tremor*, bem como da concepção de Salto trabalhada por Silentio. Nesta obra, assume o dinamarquês, o Salto já aparecesse como a categoria por excelência da decisão em relação ao *crístico*¹⁰. Assim, o pensador alemão simplesmente confirmara a compreensão já encontrada no texto de 1843. Ironias à parte, esta passagem do *Pós-Escrito* é, de fato, uma indicação da influência de Lessing já em *Temor e tremor*. Na verdade, sempre de modo bem humorado, no último parágrafo de sua análise da terceira tese de Lessing, ele especula sobre a possibilidade de o próprio Silentio ter sido influenciado pelo pensador alemão em sua noção de salto de fé (KIERKEGAARD, 2013). Curiosamente, em uma nota explicativa do escrito pseudonímico, Kierkegaard faz um elogio a Lessing, antecipando o elogio que seria empregado por Johannes Climacus. Discutindo acerca do caráter paradoxal da fé, o autor alemão é elogiado pelo fato de, apesar de sua genialidade, não ter pretendido ir além daquilo que se pode compreender. O elogio é, ao mesmo tempo, uma crítica aguda aos teólogos racionalistas e especulativos que procuravam explicar aquilo que não haviam compreendido (KIERKEGAARD, 1979). Vê-se aí, portanto, a evidência de que nas páginas de *Temor e tremor* já está presente a *Demonstração em espírito e força* de Lessing. Enfim, entre os dois pseudônimos kierkegaardianos – Silentio e Climacus – e o pensador alemão há um ponto de contato evidente. Tal convergência é analisada por Gardiner nos seguintes termos:

As doutrinas dogmáticas da ortodoxia cristã ultrapassavam a razão, não seria possível validá-las por considerações simplesmente históricas, de qualquer modo intrinsecamente problemáticas. Portanto, havia a necessidade de escolher entre, por um lado, dar um salto qualitativo ou categórico do

¹⁰ Esse termo aparece em muitas obras de Kierkegaard. Seu objetivo, ao usar tal expressão é, certamente, marcar a distinção entre o verdadeiro cristianismo e a cristandade estabelecida na Dinamarca. O crístico tem um caráter dinâmico, vívido, chamando à atenção para a relação entre a fé, a singularidade do indivíduo, diferente da cristandade que se perde na frieza e superficialidade do sistema.

tipo que derrotara o próprio Lessing e, por outro, descartar as doutrinas em questão em favor de alguma alternativa que fosse aceitável do ponto de vista da compreensão e da racionalidade humanas: não havia meio termo. (GARDINER, 2001, p. 78)

Como expresso acima, Kierkegaard não está disposto a negociar a cisão entre o Salto e o ato de fé propriamente dito. O verdadeiro Cavaleiro da fé não se assegura histórica e racionalmente para decidir-se pela fé, muito menos, ele salta amparado pela força da oratória. Ele apenas reconhece o mistério e, movido por uma firme convicção, lança em direção a ele.

Considerações finais

A fé é a paixão e, ao mesmo tempo a decisão, através da qual o indivíduo singular entra em relação com o absoluto, acatando em silêncio reverente o mistério que lhe envolve. Há uma distância qualitativa infinita entre Deus e o homem, fato que impossibilita que o relacionamento entre ambos seja estabelecido por meio da mediação racional. É preciso saltar, mas saltar em isolamento absoluto, visto que o verdadeiro Cavaleiro da fé não encontra coragem para realizar o movimento da fé na força do discurso sectário. O Salto é, por conseguinte, a expressão suprema do despojamento e da solidão. Ao mesmo tempo, ele é uma expressão de humildade da parte do indivíduo que resolve aceitar os limites de sua razão, ainda que para isso tenha que ficar remoendo o paradoxo. Esta compreensão kierkegaardiana, como vimos, é uma dívida em relação a Lessing, fato que o próprio dinamarquês soube humildemente reconhecer. A verdade é que os dois pensadores, cada um ao seu modo, protestaram veementemente contra a tentativa das teologias racionalistas que confinavam os mistérios da fé à mediação racional; denunciaram o entendimento pretencioso de superação da distância infinita entre o finito e o infinito por meio de provas e silogismos. É claro que há elementos peculiares na noção kierkegaardiana de Salto que não discutiremos no momento. Não obstante, a aproximação entre os dois pensadores neste conceito específico é um dado que não pode ser negligenciado.

Referências bibliográficas

DE PAULA, Márcio Gimenes de. **Subjetividade e objetividade em Kierkegaard**. Aracaju: Annablume, 2009.

GARDINER, Patrick. **Kierkegaard**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **A Palavra e o silêncio: Kierkegaard e a relação dialética entre fé e razão em Temor e tremor**. São Paulo: Alfarrabio: Custom, 2002.

_____. **Paixão pelo paradoxo: uma introdução a Kierkegaard**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

KIERKEGAARD. **Migalhas filosóficas: um pouquinho de filosofia de João Climacus**. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Pós-Escrito às migalhas filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 2013. v. 1.

_____. **Temor e tremor**. São Paulo: Nova cultural, 1979.

LE BLANC, Charles. **Kierkegaard**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

LESSING, G. E. **Escritos teológicos y filosóficos**. Madrid: Editora Nacional, 1990.

POLITIS, Hélène. **Le vocabulaire de Kierkegaard**. Paris: Elipses Édition Marketing S.A, 2002.

SAMPAIO, Laura Cristina Ferreira. Existência ética e religiosa em Kierkegaard: Continuidade ou ruptura? 181 p. Tese (Doutorado em filosofia). Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), São Carlos, São Paulo, 2010.

VALLS, Álvaro. Sobre a importância de Lessing no Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas: Uma mirada sobre Politis e Stewart). In: **Polêmica em torno a la figura de Lessing em Kierkegaard**. El arco y la lira. v. 1, p. 25-37, 2013.